

# As partes interessadas

● ● ● Nos Festival de Cannes deste ano, enquanto Polanski acenava com a Palma de Ouro, fundeava no porto, mesmo à vista dos peregrinos *jet set*, a Armada de Cristovão Colombo.

A Niña, a Pinta e a Santa Maria aportavam, assim, ao mundo da Sétima Arte cinco séculos depois de terem aportado ao novo mundo das Américas. Daqui em diante teremos o livro de bordo de Colombo em várias versões cinematográficas da Espanha Fidelíssima de Juan Carlos em co-produção com várias repúblicas americanas que o Navegador descobriu e fez cristãs.

Para além disso, preparam-se, na Europa e nos Estados Unidos, as Bodas do Século protagonizadas pela estátua de Colombo, de Barcelona, e a estátua da Liberdade, de Nova Iorque. Quem agora entrar no World Financial Center, o mais alto arranha-céus de Manhattan, poderá ver, a toda a altura do *hall*, o vestido de noivado

com os seus 34 metros de tecido trabalhado pela École Esmond, de Paris, e a Escuela de Costura, de Barcelona. O manto da noiva («El Cordero del Apocalipse») já é conhecido, desfilou há dois anos pelas ruas de Nova Iorque, e os sapatos nupciais também: estiveram em exibição na última Bial de Veneza. Colombo, por sua vez, preferiu a alta-alfaiataria japonesa, não se sabe bem porquê.

Mas o que importa realçar é que este *art product* e todo o projecto em si mesmo envolvem a contribuição de países que assentam a sua história na história da Descoberta da América e como tal a comemoram.

E o Brasil? A que ponto é que o Brasil se manifesta sensível ou cooperante no reconhecimento de uma descoberta que abre a sua História ao mundo do futuro e que o afirmou geograficamente e lhe deu projecto de nação?

José Cardoso Pires



## A MOSCA